

**“ENTRE IGUAIS”:
CONSTRUÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO DA IMAGEM
DE UMA ESCOLA DE DISTINÇÃO.**

FERNANDO LEOCINO DA SILVA*

Mais um ano chegava ao fim na escola da Rua Lauro Muller. Os alunos alvoroçavam-se durante a arrumação de seus pertences, na ansiedade das férias que iriam começar. Como todo final de período letivo, os pais foram chamados a comparecer na escola para as solenidades de encerramento do ano. No entanto, naquele ano de 1936, a expectativa era maior que as já habituais sessões solenes de entrega de premiação e despedidas dos alunos. Passados alguns anos da fundação do *Ginásio Diocesano*, na ‘ensolarada’ manhã de 25 de novembro de 1936 muitos dos olhares da serra catarinense voltavam-se para o ‘majestoso’ e ‘onipresente’ prédio da escola dos franciscanos. Sob a atenção das autoridades municipais da região, a escola estava em festa pela consagração da primeira turma de bacharéis¹ ginasianos.

Um momento de ‘brilhantismo’ pelo qual alguns grupos serranos durante décadas aguardaram: por fim a escola ginasial conseguia lançar projeções para além de seus muros – ao colar o grau dos quintanistas estava ela lançando bases “esclarecidas” para a sociedade. Nesse dia, os padres franciscanos selavam sua obrigação ao entregar o “produto final” de um compromisso assumido anos antes, quando da fundação do *Ginásio Diocesano*: ministrar a educação secundária aos filhos dos varões das terras serranas. Neste sentido as páginas centrais do periódico da escola – *Ecos do Ginásio Diocesano* – descreviam a ‘inolvidável’ data:

Significa para nós [a escola] uma auréola aos nossos labores insanos e decididos, de anos a fio. Significa o triunfo da firmeza, perseverança e intrepidez. E é também, ainda, prova de confiança e apreço, da parte de tantos queridos lageanos, para com esse seu estabelecimento de ensino secundário. A eles, pois, toda a nossa gratidão (SOLENE, 1936: 10).

* Professor do Ensino fundamental (anos finais) e Ensino médio do Colégio de Aplicação e Professor Supervisor de Prática de Ensino de História (UFSC). Bacharel e Licenciado em História (UDESC) e Mestre em Educação (UFSC).

¹ Ao concluir o primeiro ciclo do curso ginasial os alunos recebiam a título de *Bacharel em Ciências e Letras*.

Na ocasião, os olhares estavam, sobretudo nos quatro meninos-moços concluintes daquele ciclo de ensino que, já sem o seu habitual uniforme, substituído por um terno de gala, corporificavam a imagem do ex-estudante ginasiano e do novo integrante dos homens da sociedade. Após cinco anos de convívio era chegada a hora de despedir-se. A formatura era o momento de conagração por ter atingido os ideais propostos em um passado não muito distante, mas suficiente para transformar as brincadeiras da criança ingressa na primeira série ginasial em responsabilidades de futuro varão ao atingir o fim deste ciclo. Para eles convergiam os olhares da escola, dos colegas ginasianos, dos pais, das autoridades. Todos apreciavam com vistas atentas a desenvoltura e o comportamento de cada um desses novos homens que deixavam para trás uma importante etapa de sua educação. Estavam eles, durante aquelas horas, corporificados pela própria imagem do *Ginásio Diocesano*: no primeiro banco da catedral diocesana, crenes nos ensinamentos de anos de estudo sob a proteção dos padres, elevavam em ‘solene ação de graças a vitória alcançada’. Nas dependências do ginásio ocupavam lugar de destaque, no palco, junto ao inspetor federal e ao corpo docente, estavam reunidos os novos “esclarecidos” e os responsáveis por aquele empreendimento: ‘imbuídos pela fidelidade à pátria, entoavam o patriotismo através do hino nacional’. Como homens fiéis a Deus e à Pátria, ganhavam a legitimidade da *distinção*, características essas que por tantos anos a escola franciscana procurava introjetar no *habitus* de seus alunos.

Algumas características deste dia incomum do *Diocesano* – discursos proferidos por alunos, missa na catedral diocesana com a presença do bispo, entrega de prêmios, uniformes de gala, canto-coral e presença de autoridades – levantam indícios de que essa era uma escola de destaque. O *Ginásio Diocesano*, posto em funcionamento desde o ano letivo de 1931, era uma escola de educação secundária, confessional católica, privada e voltada exclusivamente para um público masculino. Era parte de uma ação que se ateve a preparar com caráter de *distinção* aqueles que em um futuro próximo tomariam espaços de poder nas terras da serra catarinense. Filhos dos fazendeiros e profissionais liberais era o público a que procurava conferir a instrução secundária na constituição e configuração dos futuros homens.

Além da instrução propriamente dita, o *Ginásio Diocesano*, ao acolher os meninos-moços oriundos de algumas famílias abastadas da serra, apresentava a

particularidade de garantir um trabalho educacional que tendia não somente a firmar a instrução de saberes necessários ao bom desempenho nos exames de concurso público e à entrada nos cursos superiores. Colocada para a educação de poucos, essa escola projetava assegurar uma educação que substituisse ou reforçasse o trabalho de educação propriamente familiar, tomando a seu cargo também a inculcação e a interiorização das boas maneiras, assim como a autodisciplina do espírito e do corpo, única forma, segundo Michel Pinçon e Monique Pinçon-Charlot, de garantir a possibilidade de ocupar de maneira eficaz a posição social eminente que o nascimento permitiu vislumbrar (PINÇON, PINÇON-CHARLOT, 2002: 20).

Sobre esse universo de interiorização de disposições que naturalizassem uma posição social o presente artigo se atreve buscando problematizar e (re)memorar este projeto escolar colocado em curso há 80 anos. Neste sentido, seguindo na tarefa de educar os “futuros varões”, o corpo docente e dirigente do *Diocesano* criou e estabeleceu algumas normas e práticas que tinham por fim padronizar e definir as relações entre os alunos. Nessa direção se abordará a análise das próximas páginas procurando problematizar a legitimidade da imagem construída pelo corpo dirigente escolar como um espaço de educação “homogênea”. Partindo dos jornais e impressos escolares se procurará trazer para a discussão algumas estratégias utilizadas na escola como forma de naturalizar gestos, movimentos, linguagens, pensamentos, disposições e habilidades no alunado. Esse conjunto, além do tempo despedido com as práticas curriculares, tem na socialização dos alunos fora da sala de aula o principal foco.

A escola, desta maneira, não é entendida apenas como um lugar de aprendizagem de saberes, mas também como um espaço privilegiado para a inculcação de um determinado *habitus* projetado para naturalizar uma posição definida a priori pelas origens sociais. A busca pela aproximação de laços, de cumplicidades e de trocas, ao mesmo tempo em que procurava forjar as amizades entre os ginásianos, era projetada para a naturalização de suas futuras posições de homens públicos. Essas mediações foram possibilitadas sobretudo pelo espaço e tempo escolar.

SOCIALIZANDO NUM “ESPAÇO ENTRE IGUAIS”

Para a configuração da ‘educação global’, posta em marcha durante os anos de escolarização ginásial, a escola dos freis franciscanos, como já descrito, tinha o dever de formar a personalidade completa de seus alunos e não somente de desenvolver suas capacidades intelectuais. Neste intuito, o ensino centrava-se no controle total da instituição sobre a utilização do tempo, o que era possibilitado, entre outras razões, pela estrutura da escolarização do semi-internato e, mais precisamente, do internato. O ritmo exigido dos alunos deixava muito pouco tempo para tomarem “fôlego”: ao saírem das aulas da manhã iam para o refeitório ao meio dia e, depois, ao terminarem as aulas da tarde, para a quadra de esporte ou para os clubes escolares no fim do dia, antes de voltarem ao refeitório e dirigirem-se para a sala de estudos, à noite. Toda essa dinâmica estava centrada em uma lógica de controlar o tempo, as relações e o espaço, assim como as disposições dos ginásianos. Todo o tempo escolar deveria ser útil, funcional e produtivo para que as horas fossem aproveitadas da melhor maneira possível. Assim, na constância das atividades, muito pouco tempo lhes sobrava para pensamentos e ações que fugissem do que havia sido idealizado como uma boa educação.

Nesse processo, a escola correspondia à expectativa dos pais de afastar os filhos – enquanto não atingissem a idade de emancipação legítima – dos perigos e tentações da vida exterior, da vida estudantil e de tudo o que poderia levar o adolescente a distanciar-se do seu meio de origem. Na medida em que é aplicado em tempo integral, o modelo de formação colocado em exercício tende a separar claramente os alunos não só do universo escolar, mas também extra-escolar dos outros adolescentes (JAY, 2002: 125). Era uma conjuntura que procurava impedir a livre saída para evitar o contato dos internos com os demais, com o “mundo além muros”, que poderia significar aproximação com práticas capazes de “contaminá-los”. Nesse sentido, não se permitiam as saídas dos ginásianos senão em companhia de seus pais ou responsáveis, que poderiam visitá-los em dias indicados, como nas tardes dos domingos pré-determinados. Nota-se que havia uma preocupação com a separação entre o grupo selecionado pela instituição e o conjunto excluído, formado por outros jovens que não faziam parte e não tinham acesso ao primeiro grupo. Assim, durante o tempo que permaneciam sob os cuidados dos freis, havia todo o fomento de uma vida socializada de relações “entre

iguais”. Para preencher o tempo, inúmeras atividades esportivas e culturais, além das de lazer e descanso, foram propostas pela instituição. Isso constituía um importante fator do confinamento e de construção de um sentimento de pertencimento ao grupo.

Aparente uniformidade na educação “entre os iguais”

Além das aprendizagens puramente escolares, os meninos-moços eram levados a aprender a viver “entre iguais” e a controlar a gestão de seu capital social, o que mais tarde lhes deveria ser precioso. Nesse campo, elementos aparentemente insignificantes ajudavam a configurar essa educação “homogênea”. Assim, a imagem de si não era deixada à vontade, nem cotidianamente, influenciada pelo uso obrigatório do uniforme diário, nem em dias especiais no uso do uniforme de gala nas missas de domingo e solenidades públicas de que o Ginásio participava. Desse modo, o vestuário não era tratado como uma questão de escolha individual, mas sugeria o sentimento de compartilhamento do grupo de *status*. Trata-se “realmente” de uma corporação de iguais, atendida pelo sentido das muitas fotografias publicadas nos periódicos escolares, de projetar uma imagem homogênea, onde a diversidade não fosse muito apresentada e verificada. O que se percebe é uma unidade representada pelas mesmas vestimentas, caracterizando certo compartilhamento do grupo de alunos.

No entanto, Essa aparente homogeneidade estava presente não só no uso do uniforme escolar. Uma série de medidas visava fazer com que os alunos se sentissem como iguais naquele meio. Nesse sentido, as normas disciplinares deveriam ser coletivamente obedecidas. Questões de ordem cotidiana como o cumprimento de horários no acordar, levantar, fazer as refeições, horários de estudo e lazer eram regulamentadas e constavam como prospecto do perfeito funcionamento do cotidiano escolar, evidenciado nos jornais e impressos. Toda essa dinâmica era ostentada e publicizada como característica daquela educação “homogênea”, formadora da *distinção*. Assim, além do uniforme, podemos destacar o exemplo do enxoval escolar levado por cada aluno no início do ano letivo. No ano de 1931, cada ginásiano ao adentrar na escola deveria trazer consigo:

Enxoval: 1 uniforme militar, composto de culotte, calça comprida e dolman de brim kaki amarelo; 1 Kepi e 1 par de perneiras pretas; 1 barrete ou casquette; 2 ou 3 ternos de roupa para uso diário; 2 camisas de dormir ou 2 pyjamas; 4 toalhas, sendo 2 para o rosto e 2 para banho; 4 ceroulas ou cuecas; 2 calções para banho; 3 camisas para uso diário; 6 pares de meia, 6 lenços, 6 collarinhos; 3 gravatas, 2 guardanapos; 2 sacos para roupa servida; 2 pares de botinas, sendo 1 para o uso diário, e outro preto, para saída, que possa ser calçado com as perneiras; 1 par de tapetes ou chinellas; 1 colchão (1m, 80 x 0m,80); 1 travesseiro grande e 3 fronhas; 2 colchas brancas; 1 acolchoado, 1 cobertor e 3 lençóis; 1 bacia; 1 pequeno espelho; 1 caneca; uma capa ou sobretudo: Pente, escova para dentes, e para sapatos; pasta para dentes, e para sapatos; 1 tesourinha; 1 pequena caixa ou bahú, com fechadura, para guardar os objetos de uso diário. (COLLEGIO..., 1931: 05)

O igual número nos pertences, precisamente indicado pela direção do estabelecimento, demonstra a negativa em fazer com os alunos se abalzassem uns dos outros, pelo menos em questões materiais, pois, como vimos, toda uma dinâmica baseada nos méritos individuais era incentivada. Assim, quando se tratava de questões cotidianas que envolviam as relações sociais entre o alunado, todos eram dotados de uma mesma posição. Nenhum aluno, ao que indicam as fontes, tinha regalias e vantagens quanto aos aparatos de uso pessoal.

Todos deveriam sentir-se próximos uns dos outros no compartilhamento das relações. Outro elemento que nos ajuda a perceber essa aparente igualdade de tratamento está ligado ao espaço do dormitório (DORMITÓRIO, 1933: s/p) dos alunos internos. É possível notar na imagem impressa o grande número de camas, cada uma com um único criado mudo onde os alunos guardavam parte de seus pertences. Naquele espaço, mais uma vez, cada um tinha direitos e deveres a cumprir para a harmonia do lugar. O fotograma, ao ser publicado, mesmo sem qualquer nota explicativa (aliás, como a grande maioria das imagens dos impressos), apresentava aquele espaço ao leitor e permitia supor e demonstrar parte da educação entre “iguais”.

Além dos exemplos do uso do uniforme, do comum enxoval e do aparente tratamento igualitário nas relações do dormitório, como sugerem os impressos, outras formas eram utilizadas para retratar a aparente homogeneidade no corpo escolar do *Ginásio Diocesano*. Onde mais encontramos indícios desse imaginário é nas (re)apresentações das atividades extra-muros que a escola participava e organizava. Desfiles públicos, homenagens cívicas e religiosas e atividades desportivas ocupavam a

maior parte das publicações dos *Ecoss do Ginásio Diocesano* e principalmente do *Guia Serrano*, como retrato dos feitos dessa escola de educação “homogênea”.

Mobilizando o corpo docente e discente, as atividades escolares que extrapolavam os muros da instituição eram uma das maneiras de fazer com que o ginásio existisse socialmente. Inserindo-se numa determinada tradição escolar de ritos, espetáculos e celebrações, o *Ginásio Diocesano*, ao investir nesses desfiles, homenagens e atividades fora do ambiente escolar, projetava a construção de uma maior legitimidade. Essas ações, além de educar o alunado, buscavam angariar capital simbólico para a instituição franciscana. Como elucida Edouard Jay, o capital simbólico de um estabelecimento depende, muitas vezes, de seu prestígio, de sua notoriedade, de sua reputação, em suma, de todas essas crenças e representações cujas possibilidades de existirem como qualidades são tanto maiores quanto mais predispostos estiverem em reconhecê-las como legítimas aqueles que vierem a freqüentá-lo (JAY, 2002: 129). As festas comemorativas se alternavam, ora mais ligadas à ordem religiosa, ora às comemorações de cunho cívico-patrióticos. Nas ruas os alunos saíam e percorriam marchando com seus uniformes de gala. Vê-se a publicação de muitas imagens exemplares dos desfiles e solenidades públicas que os ginásianos participavam. Percebe-se nelas a marcha perfeitamente alinhada dos pelotões do ginásio e em posicionamentos que induzem a uma imagem de respeito enquanto acompanhavam o desenrolar daquela solenidade. Vejamos, também o exemplo de outras notícias através de excertos que procuram atestar a boa impressão dos ginásianos na participação dos desfiles públicos: ‘causou a melhor impressão ao público a maneira **distinta** em que se portaram’ (FESTA..., 1932: 04); ‘todos os alunos do referido em sinal de grande prazer, desfilaram **garbosamente** pelas ruas principais de nossa cidade’ (ESTÁ..., 1940: 01); ‘o desfile dos colegiais foi uma **brilhante** demonstração de **garbo** e **disciplina** dos futuros homens do amanhã’ (DIA..., 1941: 04); ‘os alunos do Ginásio Diocesano desfilando com **garbo** costumeiro pelas ruas de nossa urbs’ (DIA..., 1940: 01) [*grifos nossos*]. Importante é estar atento tanto às imagens dos fotogramas quanto aos registros de jornais, para a forma como deliberadamente essas fontes apresentam o *Diocesano*.

Nessas representações, o que interessa foi a verificação de uma projeção de homogeneidade. Os alunos são apresentados de forma muito próxima, sejam nos desfiles ou em qualquer outra imagem com a presença dos ginásianos, e nas matérias

jornalísticas como que representavam um conjunto unitário, uma corporação. Esses são indícios significativos para demonstrar ao público leitor essa educação pautada pela homogeneidade, uma educação “entre iguais”. Sempre representados como um corpo único, essa era mais uma forma de ajudar a divulgar para a sociedade a já referida escolarização de *distinção* que o ginásio conferia aos seus alunos. Assim, uma linha divisória entre a cultura escolar pautada pelo patriotismo/catolicismo e a propaganda torna-se muito difícil ser estabelecida.

Neste contexto, os alunos, em seus uniformes de gala – terno, gravata e crepe azuis, com camisa e talabarte brancos todos enfileirados em ‘ritmo compassado’, ganhavam destaque por seu ‘garbo’, como símbolos daquilo que a escola procurava constituir. Para eles, era o momento de entrar em contato com os moradores de Lages; para os dirigentes do *Diocesano*, eram momentos singulares de apresentar seu produto; para o povo, que das calçadas assistia, os alunos revestiam-se como exemplos a serem seguidos; para as pessoas que depois liam o jornal, o retrato de uma aparente realidade que dava à escola créditos de legítima. A visibilidade e exposição garantiam ao ginásio credenciais que ajudavam a construir sua representação de centro propulsor de civismo e patriotismo. Ao que percebemos, essa imagem estava sempre vinculada à representação de um conjunto, uma unidade, uma homogeneidade, fosse através dos fotogramas ou dos escritos que falavam do corpo de alunos. Esse tipo de representação dava credibilidade e legitimidade para a projeção do *Diocesano* como responsável por uma educação “entre iguais”. Contudo, no dia-a-dia as coisas não eram tão simples quanto nos projeta a maioria das matérias publicadas nos jornais e demais impressos.

DA HOMOGENEIDADE À DIFERENCIAÇÃO

Um dos elementos essenciais das festas nacionais, desfiles públicos e datas comemorativas era, como já descrito, a presença do corpo discente do *Ginásio Diocesano* (ou de qualquer outra escola) devidamente uniformizado. Havia certa hierarquia entre as outras escolas e o *Diocesano*, principal estabelecimento daquele meio social, tanto pelo nível de instrução ministrado quanto pelo seu público alvo. Essa hierarquia deveria ser confirmada pelo comportamento de seus alunos, por isso os freis cuidavam para que nada atrapalhasse sua adequada apresentação, esforçando-se para

mostrar à população lageana parte dos resultados da boa educação ministrada dentro dos muros da escola diocesana. Entretanto, os alunos do *Diocesano* além de distinguirem-se dos outros participantes, diferenciavam-se entre si pelo pertencimento à *Congregação Mariana* ou ao *Clube dos Escoteiros*, por exemplo, ora pelo merecimento de carregar a bandeira ou estandarte, ora pelo lugar ocupado na fila. A própria escola vinha hierarquizada, apesar da aparente homogeneidade representada pelo uniforme de uso comum. É sobre essa hierarquia presente não exclusivamente nos desfiles patrióticos/religiosos que daremos ênfase nas próximas páginas. A prática de esportes, competições desportivas e atividades que envolviam excursões nos dão indícios para perceber o paradoxo entre o coletivo e o individual. Uma hierarquia entre iguais que na socialização entre o alunado visava naturalizar o seu pertencimento ao grupo.

O esporte entre o individual e o coletivo

O corpo dirigente do *Ginásio Diocesano* dava grande ênfase na prática de esportes, tanto pelas aulas de Educação Física quanto pelas atividades do *Clube Esportivo*. Lá estavam os alunos no exercício de atividades como futebol, vôlei, basquete, tênis, natação, ginástica sueca, salto em altura, salto em distância, lançamento de disco, corrida, exercícios em barra, trapézio, argolas, escada, corda e paralelas (CLUBE..., 1936: 26-30). Eram as práticas desportivas importantes instrumentos que forjavam a solidariedade de grupo em um espaço de educação “entre iguais”. Na maior parte das vezes separados pelas equipes do *Clube Esportivo* em *Internato* e *Externato*, os jogos durante o ano tinham em sua disputa uma das formas mais importantes na afirmação dos laços de amizade. Fosse nas atividades coletivas ou individuais, o aluno era incumbido de um papel dentro de sua equipe. Fosse ele parte do time de futebol ou um competidor individual no lançamento de disco, era sempre incitado a representar não somente a si, mas toda sua equipe. A vitória era o cume esperado por todos, separados por categorias como ‘maiores, médios, sub-médios e menores’ em cada modalidade. Com essa categorização somos levados a avaliar que todos tinham grandes possibilidades de se sagrar campeão e de, no auge das expectativas, ganhar uma medalha e ver seu nome e/ou foto estampado no jornal da escola. Essa divisão em categorias por tamanho do corpo, além de tornar os alunos mais próximos e

competitivos, ajudava o público-expectador a acompanhar o desenvolvimento e o fortalecimento da imagem de corpo são. A comparação dos menores, passando pelos sub-médios, médios até chegar aos maiores (os mais próximos de terminar aquele ciclo de ensino, portanto, aqueles cuja *hexis* deveria se apresentar de forma bem articulada, demonstrando as disposições construídas naquele espaço) fazia o público vislumbrar o andamento das transformações dos corpos dos ginásianos.

No conjunto, esse cenário de atividades esportivas nos demonstra que o ginásiano aos poucos era levado a naturalizar o disciplinamento indispensável à sua posição, condição de futuro homem do poder. Num meio “entre iguais” ele era mais uma peça da engrenagem, mais um dos homens que precisava provar ter sua agilidade individual para fazer parte da equipe, fosse da turma do ginásio ou nas relações de poder vindouro que sua projeção vislumbrava alcançar.

Lealdade, companheirismo, coragem e honra estavam sempre muito próximos e associados às atividades esportivas daquela instituição escolar, principalmente quando relacionadas aos esportes coletivos. Como escreve o Tenente Moacyr Corrêa em 1938, naquele ano instrutor de Educação Física do *Diocesano*:

A pratica do sport ajuda na formação do **caracter do individuo**, sua educação, seus sentimentos, sua **lealdade**, sua **honestidade** etc. Para o desenvolvimento sportivo faz-se necessário que exista uma disciplina conciente que todos se submetam com um **exemplo vivo de educação coletiva**. Sem este espírito de disciplina as competições, fracassarão e sem as competições que estimulam aquelles que o praticam e amam, o sport perde toda a sua beleza e fatalmente desaparecerá. Cito como exemplo de competição esportiva, onde se pode apreciar as qualidades do bom amator o **foot-ball**, pois onze homens de cada lado de um campo disputam os louros da victoria. Como impressiona bem a assistência que os vê, numa luta renhida e cheia de lances emocionantes, sem que os adveriarios pratiquem actos **desleaes** e de **brutalidade**, acabando a peleja com a maior **fraternização!** Tudo isso é fácil desde que exista esmerada educação e disciplina conciente no conjuncto e nos seus elementos.

Nada de exagerar um partidarismo que assuma proporções belicosas. Devemos pois, dar tudo entusiasmo aos nossos treinos, preparando-nos com cuidado, afim de podermos **competir honrosamente** e de vencer se for possível (CORRÊA, 1938: 08). [*grifos nossos*]

Segundo o instrutor, o esporte tinha por finalidade a formação do caráter do indivíduo (do estudante). O sentimento de lealdade, honestidade, honra e fraternidade, como destaca o autor da matéria jornalística, deveria fazer parte daquela educação coletiva. Mas o trabalho pedagógico de introjetar esses valores no *habitus* dos

ginasianos não tinha dia e horário marcado, como acontecia com a transmissão do capital escolar. Era na socialização desses alunos, no dia-a-dia da escola, fosse no dormitório do internato, no refeitório do ginásio, na sala de aula, no pátio ou nas associações escolares, que, ao poucos, sob o cuidado dos freis e professores leigos, os alunos deveriam incorporar esses sentimentos. Tarcisio Vago enfatiza que as partidas de futebol eram praticadas no interior de instituições escolares masculinas no intuito de constituir uma sociedade de homens cada vez mais competitivos, agressivos, de iniciativa, eficientes, vitoriosos e preparados para o trabalho em conjunto. Dessa forma, ressignifica-se essa prática de divertimento em um jogo de competição em que a exclusão é a regra principal, porque se pretendia chegar aos vencedores, isto é, aos melhores (VAGO *apud* GARCIA, 2006: 26). A competitividade entre os alunos, como indica Tarcisio Vago, estava bastante presente no mundo escolar do *Diocesano*. Era comum que, nos finais de semana, principalmente, os alunos do internato marcassem presença no campo de futebol da chácara. Fosse em treinos ou em partidas “oficiais”, lá estavam os alunos aperfeiçoando a prática futebolística, bem como firmando os laços de amizades e valorando esses sentimentos de competitividade, honra e coragem, como se esperava de uma educação para os futuros varões.

Em um panorama geral todas as imagens que utilizam o corpo discente como foco, além do uso do uniforme comum, os alunos acabavam se distinguindo um dos outros pelo corte ou arrumação de cabelo, pela posição dos braços ou pelo alinhamento do corpo, numa análise mais atenta e minuciosa. Esses pequenos detalhes lembram que na educação comum, “entre iguais”, eles eram indivíduos, agentes que se diferenciavam entre si. Assim, naquele meio, fosse no time do futebol, nos desfiles públicos ou em qualquer outra circunstância, ele deveria desenvolver um sentimento de pertencimento ao grupo. Segundo Pierre Bourdieu, a reprodução do capital social e simbólico também é tributária do trabalho de sociabilidade e de uma competência que o herdeiro de um sobrenome importante, por exemplo, tem em transformar essas relações circunstanciais em relações duráveis (BOURDIEU, 1998: 68-9)

Uma hierarquia que se transfere, uma posição que se constrói!

O cotidiano escolar, como pudemos apurar, estava entrecortado pelo paradoxo entre o homogêneo e o individual. Os alunos aos poucos deviam naturalizar seu pertencimento ao grupo abastado serrano, ao mesmo tempo que deveriam por seus próprios “dons” provar que eram capazes de fazer parte daquele grupo. As relações entre os ginásianos, a constituição de uma rede durável de amizade e a reciprocidade entre eles estava presente e incentivada nos espaços e circunstâncias que o corpo dirigente organizava.

A incorporação das posições de *distinção* estava atrelada à naturalização dos papéis de futuras ordenanças. Para isso, na vida cotidiana do *Diocesano* das décadas de 1930 e 1940 é significativo perceber o papel desempenhado pelos alunos no que diz respeito à disciplina escolar. Os jornais e impressos escolares nos apontaram para vestígios de que desde o primeiro ano o educando deveria ter a atribuição de uma responsabilidade sempre crescente, visando levá-lo a habituar-se ao governo de si mesmo. Desde a habilidade de estudar sozinho até a ocupação de cargos na diretoria das associações escolares, o estudante ia naturalizando um poder sobre si e sobre os outros. Neste cenário, os alunos das últimas séries eram chamados a desempenhar ocupações que forjavam uma hierarquia escolar. Exemplo claro pode ser percebido quando da passagem do ano letivo de 1936, no que diz respeito aos clubes escolares:

Quadro 1 – Associações de alunos do *Ginásio Diocesano* (1936)

| Associações² | Presidente | Série | Vice-presidente | Série |
|--|----------------------|----------------|------------------------|----------------|
| Congregação Mariana Nossa Senhora do Bom Conselho | Belisário Ramos Neto | 5 ^a | Catulo Sá | 5 ^a |
| Liga das Boas Conversas | Euclides Granzotto | 4 ^a | Lauro Ribeiro Junior | 5 ^a |
| Clube Esportivo - Internato | Antonio Homero Ramos | 5 ^a | (?) | |
| Clube Esportivo - Externato | Belisário Ramos Neto | 5 ^a | Wilson Burguer Castro | 4 ^a |

Fonte: Écos do Ginásio Diocesano, 1936: 26-30.
(Arquivo do Colégio Bom Jesus Diocesano)

Percebemos que os alunos dos últimos anos eram chamados a cumprir importantes papéis de liderança na operação cotidiana do ginásio. Compreendemos que,

² A associação escolar do *Grupo dos Escoteiros Católicos* não era entregue ao comando dos alunos, mas sim ao instrutor de Educação Física – naquele ano o sargento Amír Brito.

nesse sentido, os estudantes próximos da “formação completa” estariam mais bem preparados para exercerem com seriedade e competência funções que exigiam maiores responsabilidades. Ao mesmo tempo em que aprendiam a organizar e ordenar, eles deveriam ser vistos por seus subordinados como um modelo passível de cópia, afinal de contas num futuro breve esse passaria de subordinado a líder. Os alunos, na hierarquia escolar, deveriam ser tidos como autoridades, devendo dar exemplo e prezar para que o dia-a-dia da escola não fosse perturbado.

Assim, os alunos maiores, supostamente já adiantados no desenvolvimento das disposições projetadas, regulavam uns aos outros, criando certa hierarquia “entre os iguais”. É evidente que a hierarquia presente nas relações cotidianas entre os alunos não era feita de forma livre, mas uma espécie de socialização sempre vigiada pela presença do corpo docente e dirigente do *Diocesano*. A vigilância deveria se dar de forma sutil o que tornaria mais fácil a naturalização de iniciativas visando a formação de lideranças, no sentido das individualidades condutoras que já eram praticadas e depois foram previstas e regulamentadas pelo decreto-lei que norteava o ensino secundário a partir de 1942.

Não somente dentro do ginásio esses alunos eram chamados a responsabilidades sobre os outros, mas também fora da escola, quando das excursões, piqueniques, acampamentos e passeios, bem como nos desfiles públicos pela cidade, muito embora isso não fosse abordado de forma clara nos jornais e impressos. Tinham eles o dever de manter a ordem frente aos seus discípulos, afinal de contas, fora do ambiente escolar os estudantes eram a própria representação da escola, o que faz o encargo sobre os líderes ser redobrado.

Nos desfiles, como já discutimos, apesar da aparente homogeneidade em que o grupo se apresentava, existia certa hierarquia. As matérias jornalísticas escritas pelos freis, no entanto, não retratavam essas diferenciações. Se os franciscanos tinham sempre o cuidado estratégico para apresentar o *Diocesano* como um corpo único, a representação do Dia da pátria de 1937 fugiu dessa perspectiva. A reportagem publicada naquele ano foi assinada pelo Tenente do 2º *Batalhão dos Sapateadores* Valeriano de Moraes e não por alguém ligado a instituição franciscana, como de costume. Seu principal destaque foi justamente para o comando da tropa feito por um dos alunos:

Alguns jovens, poucos em número, mas milhões nos sentimentos, **reúnem-se, formam, e elegem um comandante**, e ei-los marchando, garbosos e convictos em homenagem ao dia da Pátria! Uma verdadeira parada militar, cujo **comandante HUGO WALTRICK CAMARGO, esteve a altura da missão recebida**. Uma verdadeira demonstração de fé, traduzida na alegria que se notava em todos durante o desfile e a celebração da missa mandada celebrar pelo Ginásio (MORAIS, 1937: 08). [*grifos nossos*]

Acreditamos que não somente nesse desfile, mas em todos, existisse uma espécie de hierarquia, fosse ao comando do grupo ou no lugar da fila, bem como na honra de carregar a bandeira, como já enfatizado anteriormente. Interessante nesse excerto é o registro de que os alunos ‘reúnem-se, formam e elegem um comandante’. Primeiro porque o escritor demonstra com certa espontaneidade a iniciativa dos ginásianos para aquela comemoração – demonstração dos alunos como “naturalmente” imbuídos dos ideais patrióticos. Segundo o relato de que ‘elegem um comandante’ - seria acaso o comandante escolhido ser um aluno da quinta série ginásial? Talvez isso não pesasse de forma clara, mas com certeza a confiança e o respeito por esse aluno mais velho, mais experiente, davam a ele créditos para o comando do grupo.

Os alunos dos últimos anos também tinham papel significativo quando das viagens de estudo e lazer. Essas saídas do *Diocesano* rumo a outras cidades, mais do que lazer e descanso para o alunado, visavam a legitimidade do “bom” nome da escola.

Algumas dessas saídas dos muros ginásiais eram feitas sem a presença dos freis. Muitos dos piqueniques e acampamentos eram realizados somente pelos alunos. Sem a presença da autoridade docente as responsabilidades sobre cada um dos alunos eram redobradas. Tais passeios, geralmente tendo como destino o interior das fazendas dos pais de alguns dos alunos, faziam com que, logicamente, estivessem “livres” para fazer o que não era permitido no Ginásio, como fumar e beber. No entanto, esperava-se, naquele grupo de “iguais”, que um vigiasse o outro para que não cometessem delitos que desonrassem a escola e os ensinamentos por ela projetados. O encargo do cuidado era dado mais uma vez aos alunos mais velhos. Nessas ocasiões poderiam novamente, como em tantas oportunidades oferecidas pelo corpo dirigente escolar, se habituar às práticas de mando e de responsabilidade, assim como as de companheirismo entre seus colegas. A afirmação dessa amizade pode ser observada em algumas fotografias publicadas nos periódicos impressos pela escola. Ao que nos representa a montagem de uma destas imagens (PIQUENIQUES..., 1942; s/p), os alunos, estando nas barracas do

acampamento ou no banho de rio, percebe-se uma aparente cumplicidade no desfrute dessas horas de ‘descanço do espírito’. Eram momentos propícios para que os meninos-moços testassem sua lealdade e coragem, entre outros valores deles esperados, diante, por exemplo, da exploração da desconhecida mata ou correnteza do rio, da caça de algum animal silvestre ou do enfrentamento do medo posto pela escuridão da noite.

Todo esse conjunto de práticas de companheirismo e habilidades de mando estava ligado ao projeto imbuído pela escola de naturalizar o poder desempenhado pelas suas famílias. Os ginásianos no futuro teriam que assumir importantes heranças deixadas pelos seus pais. Para o desenvolvimento de tal tarefa, tornava-se indispensável cultivar o espírito de responsabilidade, fazendo com que desde cedo os jovens se habituassem ao controle de si, dos outros e de situações desafiadoras.

Ainda, algumas palavras...

Pelas problematizações que fomos traçando ao longo deste texto, na análise e representação dos jornais, impressos e regulamentos escolares, percebemos que dentro da educação “entre iguais” ocorria uma hierarquia escolar transferível. A educação de *distinção*, supomos, fez com que desde cedo os educandos fossem projetados a incorporar habilidades de auto-gestão no compartilhamento de experiências com seus colegas. Notamos que apesar da dita educação “homogênea”, o aluno tinha que dar o máximo de si para continuar fazendo parte do jogo da comunidade escolar. O aprendizado ali ministrado era altamente seletivo e muitos acabavam saindo precocemente do cenário. Dos 234 alunos que passaram pelo *exame de admissão*, apenas 58 tornaram-se *Bacharéis em Ciências e Letras*. Da mesma forma que nas provas curriculares, nas práticas e competições esportivas, nos desfiles cívicos e em tantos outros momentos do dia-a-dia do *Ginásio Diocesano*, os alunos eram instigados a construir méritos para que pudessem continuar fazendo parte daquele grupo de “iguais”.

A efetivação de disposições estava comprometida com a proximidade da homogeneidade do grupo, por isso se fazia importante separar os meninos-moços de outros espaços e companhias das quais as expectativas não eram as mesmas. Entretanto, não somente tal separação ou o uso do uniforme comum garantiriam a sensação de pertencimento a um grupo social. Dessa forma, uma série de estratégias foram

construídas para que o alunado se socializasse e se sentisse próximo um do outro. Num processo de socialização promovido por diversas práticas se procurava (re)produzir relações duráveis e úteis, que proporcionassem lucros tanto materiais quanto simbólicos. Assim, do ponto de vista social e econômico, os alunos dos padres franciscanos eram projetados a perceberem-se como homogêneos, criando e interiorizando, por meios práticos, o sentimento de identidade comum. Uma vivência “entre iguais”. Prova de que o *habitus* é, ao mesmo tempo, social e individual, por meio do qual os indivíduos internalizam as representações objetivas segundo as posições sociais que detêm no espaço social.

REFERÊNCIAS:

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina** [1998]. Tradução de Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BOURDIEU, Pierre. O capital social – Notas provisórias [1980]. Tradução de Denice Bárbara Catani e Afrânio Mendes Catani. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio Mendes (org.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

COLLEGIO Diocesano “Rio Branco” (anúncio). **A época - Jornal independente**. Lages, nº187, 01.fev.1931.

CORRÊA, Ten. Moacyr E. R. Disciplina e sport. **Guia serrano**. Lages, nº 79, 04.set.1938.

CLUBE esportivo. **Ecos do Ginásio Diocesano**. Lages, dez.1936.

DIA da Juventude. **Guia serrano**. Lages, nº, 06.set.1941.

DIA da Juventude Brasileira. **Guia serrano**. Lages, nº256, 07.set.1940.

DORMITÓRIO. **Ecos do Colégio Diocesano**. Lages, dez.1933.

ESTÁ de parabéns o Ginásio Diocesano de Lages. **Correio lageano**. Lages, nº56, 09.nov.1940.

FESTA dos escoteiros. **A época** – Jornal independente. Lages, nº254, 29.jul.1932.

GARCIA, Leticia Cortellazzi. **Entre mulheres distintas e disciplinadas: Práticas escolares e relações de gênero no Ginásio Feminino do Colégio Coração de Jesus (1935-45)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História), Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

JAY, Edouard. As escolas da grande burguesia: O caso da Suíça. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. In: ALMEIDA, Ana Maria de; NOGUEIRA, Maria Alice (org.). **A escolarização das elites**: Um panorama internacional de pesquisa. Petrópolis: Vozes, 2002.

MORAIS, Valeriano de. O dia da pátria em Lages. **Guia serrano**. Lages, nº28, 12.set.1937.

PINÇON, Michel; PINÇON-CHARLOT, Monique. A infância dos chefes – a socialização dos herdeiros ricos da França. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. In: ALMEIDA, Ana Maria de; NOGUEIRA, Maria Alice (org.). **A escolarização das elites**: um panorama internacional de pesquisa. Petrópolis: Vozes, 2002.

PINQUENIQUES e acampamentos. **Ecos do Colégio Diocesano**. Lages, dez.1942.

SOLENE encerramento do ano letivo. **Ecos do Ginásio Diocesano**. Lages, dez.1936.